

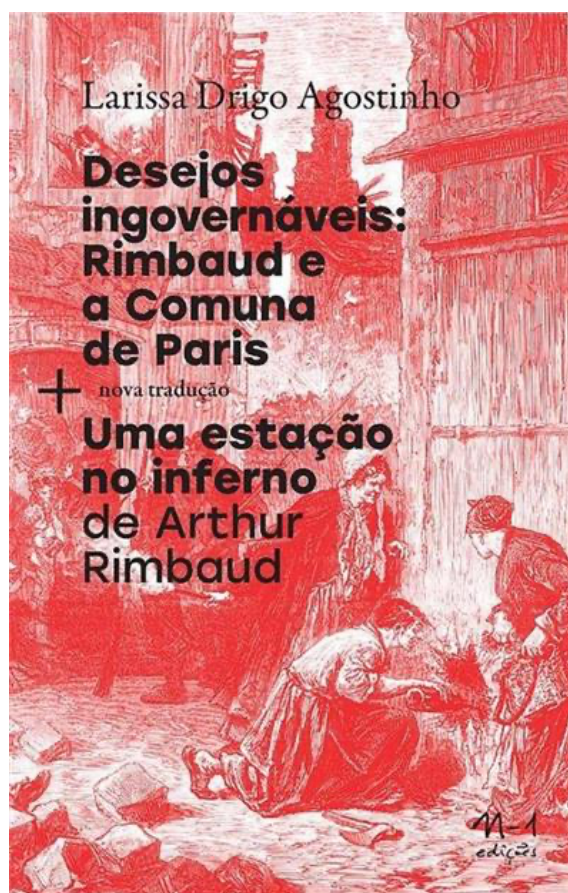


## Desejos ingovernáveis: Rimbaud e a comuna de Paris

+ nova tradução

**Uma estação no inferno de Arthur Rimbaud, de Larissa Drigo Agostinho**

**Paulo Celso da Silva** - Universidade de Sorocaba | Sorocaba | São Paulo | Brasil |  
[paulo.silva@prof.uniso.br](mailto:paulo.silva@prof.uniso.br) |  <https://orcid.org/0000-0002-0494-7408>.



## RESENHA

“É hora de as pessoas compreenderem o verdadeiro significado dessa Revolução; e isso pode ser sumarizado em algumas poucas palavras. Ela significou o governo do povo pelo povo. Essa foi a primeira tentativa do proletariado de governar-se a si próprio. Os trabalhadores de Paris o expressaram, quando em seu primeiro manifesto, declararam que *‘entendiam ser o seu imperioso dever e o seu direito absoluto tornarem-se mestres do seu próprio destino, ao tomar o poder governamental’*”.

*Eleanor Marx Aveling*

junho de 1886



A noir

E **blanc**

I rouge A negro, **E branco**, I rubro, U verde, O azul

U vert

O Bleu

Rimbaud, 1871

Com Larissa Drigo Agostinho já caminhamos pela cidade de Paris em outras ocasiões, cidade de acasos, implicitamente sugerida nas conclusões em 2018 de que “tanto a poesia quanto a política são governadas pelo acaso, mas é da criação de novas formas poéticas e organizacionais que pode surgir o novo”<sup>1</sup>. Atriz da história, a Paris que nossa autora nos oferece para criar o novo é a do conflito: nessa reflexão, a revolução de junho de 1848 permite tratar, dentre outras coisas, da melancolia, sentimento que dá título à obra. Já a obra de 2021, ora resenhada, com seu sugestivo título, *Desejos ingovernáveis: Rimbaud e a comuna de Paris + nova tradução Uma estação inferno de Arthur Rimbaud*, a política e a poesia chegam em 1871.

Os 150 anos que nos separam da Comuna de Paris possibilitam não um revisionismo simplista que ideologias vigentes, com suas “verdades histórias”, querem recontar. Entretanto, ainda que a história e os fatos possam parecer ambíguos, eles não se sustentam com vieses apenas para defender a ideologia de grupos, sejam de direita ou de esquerda. Assim, a comemoração que não é só francesa, mas internacional, no sentido de unir parcelas substantivas de população, para as quais os ideias e práticas quotidianas vividas naqueles meses reverberam, ainda, como possibilidades de outra maneira de viver, uma utopia em germe que deve ser produzida e

<sup>1</sup> AGOSTINHO, Larissa Drigo. **Chega de Melancolia!** Série Pandemia, São Paulo: N-1 Edições, 2018, contra-capas.



reproduzida a cada momento, ou nas palavras de Louise Michel “uma outra margem que é preciso alcançar... ou como ler um livro com imagens” (página 90).

Conta a história que o francês, Prosper-Olivier Lissagaray, bate à porta de Karl Marx, na Inglaterra em 1871, com manuscritos em francês a narrar o cotidiano da Comuna como partícipe ativo e que havia conseguido escapar da Semana Sangrenta, na qual milhares de vidas foram ceifadas pela resistência conservadora. O filósofo alemão patrocinou a edição desse importante documento em forma de livro, e a tradução ficou a cargo Eleanor Marx Aveling como uma “versão oficial dos acontecimentos” publicada em inglês em 1876.

Desde então, a comuna de Paris e seus desmembramentos deslumbram, mas também assombram a muitos. Kristin Ross publica em 2015, *Communal Luxury: The Political Imaginary of the Paris Commune*, mas a tradução francesa simplifica, no título para *L’imaginaire de la Commune*; no Brasil, o livro lançado em 2021 manteve o que estava explícito pela autora inglesa: a dimensão da escala humana presente nos acontecimentos de 1871, no qual o luxo não era mais capitalista, mas era o luxo da educação e arte para todos.

Em sendo Prosper-Olivier Lissagaray pioneiro, a escritora inglesa Kristin Ross também uma referência, onde devemos situar a obra resenhada?

Aqui adentramos a obra de Larissa Drigo Agostinho para ver de que maneira a poesia é capaz de guardar os desejos ingovernáveis?

A obra é dividida em dois momentos. O primeiro, apresenta o ensaio que trata da revolução, das particularidades que a possibilitaram, indicada como **Desejos ingovernáveis: Rimbaud e a Comuna de Paris**. Subdivide-se em Prelúdio (pág. 10), A verdadeira vida está ausente (pág. 44), Tornar-se outro (pág. 74). A segunda parte segue com a tradução do poema ***Une saison em enfer*/Uma estação no inferno** (pág.95), fechando com **Traduzir Rimbaud** (pág.165).



A carta de Rimbaud para o amigo Paul Demeny, em 15 de maio de 1871 abre a contextualização desse momento histórico marcante na vida dos parisienses e de trabalhadores e classes pobres de todo o mundo, ao anunciar com o poeta francês que “uma nova literatura” está em seu porvir. Poeta vidente, proletário – vidente, ladrão de fogo desprovido dos seus sentidos revoluciona a poesia participando da revolução do mundo. Entretanto, não é assim que deveriam ser as revoluções? Para Rimbaud como e com os *communards* o seja marginal seja herói<sup>2</sup>, não é um slogan, mas um viver o novo. Novo em seu conteúdo. “E esse conteúdo novo, assim como as formas literárias, só pode ser inventado e construído quando o passado ficar para trás e enterrar seus mortos” (pág. 21).

Os estudos de Larissa Drigo Agostinho apresentam e reforçam um posicionamento necessário quando se trata de Rimbaud: que os fatos de sua vida se sobreponham à sua poesia. No caso de Rimbaud, e das traduções brasileiras, as introduções e comentários supervalorizam aventuras, dificuldades e passagens que são vendáveis para o mercado editorial de massa, poderíamos dizer mercado editorial parnasiano?

Melhor a beleza das estações do inferno.

Cada momento, cada período histórico tem a sua forma-conteúdo de trazer à tona poemas e traduções, a própria autora reafirma isso, uma vez que “a tradução aqui apresentada busca apresentar ao leitor contemporâneo, em língua tão próxima da sua quanto os poemas de Rimbaud o foram de seus contemporâneos” (pág. 190). E assim é. A tradução acompanhada dos originais nos faz saborear com Rimbaud o lado escuro de nosso tempo, mas sem melancolia, desalento, apenas sabores. Viver com Rimbaud o que ele viveu, ver o que ele viu, e apenas “possuir a verdade em uma alma e um corpo” (pág. 163).

---

<sup>2</sup> *Seja marginal seja herói*, bandeira-poema de Hélio Oiticica, de 1968.